

**A razão da nossa esperança: Cristo em nossa apologética**  
**Theodore G. van Raalte**

O Seminário Teológico Reformado Canadense finalmente se tornou canadense. Não se trata de dizer "eh", mas é quase isso. Se você é canadense, você entende. Aqui está a história: Um ano atrás, no STRC, lemos a edição on-line de um estudo de Harvard na revista *Social Psychological and Personality Science*. Ela dizia que as estatísticas mostram que pedidos de desculpas supérfluos demonstram uma preocupação empática e aumentam a confiança.<sup>1</sup> Em termos leigos: os autores descobriram que as pessoas que dizem "desculpe-me" sobre tudo têm maior probabilidade de serem tidas como confiáveis e agradáveis. Se você pedir a um estranho: "Posso pegar seu celular emprestado?" ele provavelmente dirá que não. Mas se você se desculpar e disser: "Desculpe-me. Posso usar seu celular por um momento?" ele será mais propenso a emprestar. Bem, somos canadenses, queremos que nossos acadêmicos sejam simpáticos, lamentamos exigir isso até mesmo de nossos estudantes estrangeiros, mas a partir de agora todos os alunos devem seguir o nosso curso em apologética.

Quando você vê a palavra "apologética", você imediatamente percebe a palavra "apologia" dentro dela. Mas, por acaso, o alcance semântico da palavra "apologia" varia de dizer "desculpe-me" à dar uma explicação racional e defesa daquilo que você acredita. É claro que o último significado é que vamos discutir agora.

O tema é adequado porque, de janeiro a maio de 2014, o primeiro curso de apologética foi elaborado e ensinado na STRC. Nós realmente tivemos bons momentos juntos enquanto considerávamos a base bíblica da apologética, suas variedades, sua história, e temas especiais, como que tipo de terreno comum existe entre cristãos e incrédulos (para o qual Herman Bavinck é útil) e qual é a crítica transcendental de Cornelius Van Til. Depois disso, desenvolvemos respostas para objeções selecionadas levantadas contra a fé cristã. O exame final consistia em um exame oral de trinta minutos para cada aluno, no qual eles tinham que contestar objeções e dar explicações para a esperança que havia neles. Em outras palavras, eles tinham que praticar apologética.

É exatamente isso que nossa leitura da primeira carta de Pedro nos insta a fazer. Sua admoestação é o tema deste artigo.

*“Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.”*

(1 Pedro 3.15)

Quando Pedro escreve que devemos dar uma resposta para nossa esperança, ele está dizendo que nossa esperança – que está segura em Cristo – tem explicações. Nós podemos fornecer a razão de nossa esperança quando alguém nos pede. A ideia é que, quando fazemos uma defesa, podemos dar explicações, validações, exposições, justificativas, análises ou razões para nossa esperança. Nossa esperança não é irracional, ilógica, além das palavras, misteriosa, inexprimível ou inexplicável. Pelo contrário, podemos dar uma exposição e devemos estar sempre preparados com razões. Negativamente, você pode responder a objeções. Positivamente, você pode argumentar em favor da sua esperança. Se você possui a verdade, então, por sua própria natureza, ela é racional e sujeita a explicação. O apóstolo não está dizendo que podemos ter um conhecimento abrangente de todos os aspectos da fé. Muitas coisas estão além do nosso entendimento. No entanto, não devemos temer,

## Revista Diakonia - “*Servindo a quem foi chamado a servir*”

mas estar sempre preparados para dar uma resposta ou defesa a qualquer um que nos peça a explicação da esperança do nosso coração. Essa é a mensagem básica da Palavra de Deus aqui.

O texto apresenta (1) Cristo é Senhor, (2) nossa esperança, (3) pessoas perguntando a razão de nossa esperança, e (4) nós apresentando uma defesa, fornecendo a razão ou explicação.

1) A declaração inicial de que Cristo é Senhor é projetada para reforçar nossa convicção. Quando alguém nos ameaça – seja ele nosso vizinho ou nosso rei – sabemos que temos um Senhor maior, muito mais poderoso do que eles. De fato, estamos tão intimamente ligados a Ele que podemos agir com clemência (Fp 4.6) e mansidão (1 Pe 3.16), prerrogativas de um rei. Eles podem nos perseguir, mas na verdade o poder e autoridade superior estão do nosso lado. Ele a tudo vence, seja com amor ou com justiça. Santifique em seus corações o seu Messias, o Cristo, como seu Mestre. Ninguém é maior.<sup>2</sup>

2) A próxima apresentação, nossa esperança, é algo muito importante nas cartas de Pedro. Já em 1.3 ele escreve como o Pai “*nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos*”. Com o novo nascimento, você chega ao que poderíamos chamar de a família da viva esperança. A esperança é viva porque Cristo vive. A esperança é o que está à nossa frente. Cristo abriu o caminho para a nova criação. Hebreus 6.18 diz que os crentes correm para se apossar da esperança que nos é proposta. Colossenses 1.5 fala da esperança preservada para nós no céu. Essa esperança não é um desejo, como “espero que não chova esta noite”. Não é apenas um sentimento ou algo em sua cabeça, mas algo real, externo a você. Essa esperança já existe em plenitude em Jesus Cristo. Em 1 Pedro 1.4 esta esperança é paralela a “*herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros*”. Essa esperança não é um mero desejo, mas uma realidade. Nada pode atacá-la. Não importa a nossa situação como peregrinos aqui na terra, a esperança é certa e imutável. A fé avança para ela.

De fato, mesmo agora essa esperança é nossa. A versão NVI de 1984 diz que é “*a esperança que vocês têm*”. O grego original é mais forte, “*a esperança que está em vocês*”. Não significa simplesmente um sentimento interior. A esperança é viva porque Cristo vive. Ele está no céu. Mas pela fé ele está vivo em nós também. Assim como nós o santificamos como o Senhor “*em nossos corações*”, assim também esta esperança – focada em Cristo – está dentro de nós. Cristo está em nós pelo seu Espírito. Ele é nossa esperança.

3) Essa esperança é tão real para nós, tão forte, que afeta a maneira como vivemos diariamente. Uma vida com a fundação de esperança suscita perguntas. Cristo está em nós pelo seu Espírito, Ele nos guia ao futuro, e assim vivemos como se pertencêssemos a outro lugar onde a justiça, a paz e o amor governam. Nós nos submetemos à autoridade. Vivemos o casamento de uma maneira santa e feliz. Nós amamos uns aos outros e aos outros. Até mesmo sofremos por nossa ânsia de fazer o bem. Fazemos isso para a glória de Deus. Tudo isso nos faz resplandecer como estrelas neste mundo tenebroso, estrelas que se aquecem e refletem a maravilhosa luz do Senhor (Fp 2.15; 1 Pe 2.9). Em todos os tipos de situações, sempre que alguém perguntar sobre a esperança que há em você, ou por que você resplandece dessa maneira, você deve dar uma explicação, defender seu Senhor e sua Palavra, mostrar como seu modo de vida faz sentido na perspectiva da fé em Cristo.

Até aqui, então, temos Cristo como Senhor, uma esperança segura dentro de nós e um novo modo de vida que suscita questões. E quanto a nossa resposta?

## Revista Diakonia - “*Servindo a quem foi chamado a servir*”

4) A partir de nossa esperança, devemos dar uma defesa ou uma resposta, uma explicação. A palavra grega é *apologia*, daí "apologética". Uma vez que é uma esperança viva que foi obtida através da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1.3), o cerne da nossa defesa será sobre a sua ressurreição.

Esta resposta ou apologia é a palavra usada em grego para uma defesa oficial num tribunal. Paulo, apóstolo companheiro de Pedro, fez várias dessas defesas (Fp 1.7, 16; 2 Tm 4.16). Ele apelou para César. Isso mostra que a defesa que Pedro tem em mente é convincente e racional. Nossa fé não é um mistério secreto, mas é proclamada desde o topo das montanhas, verificável na história e racionalmente coerente. Uma defesa num tribunal implicaria tudo isso. No entanto, Pedro aplica sua exortação a todas as ocasiões e circunstâncias, sempre que nosso estilo de vida externo a este mundo dá origem a perguntas. Explicamos que vivemos assim por causa de Cristo, nossa esperança.

Quando damos uma defesa, estamos, assim, falando sobre Cristo. A razão para a esperança que está em nós é a explicação, justificação ou reivindicação da forma como agimos. Nós não somos irracionais por suportar a perseguição; antes, tudo é muito razoável, pois nossas vidas vão muito além desse mundo visível. Temos uma fonte de poder que está fora desta terra. A fé está apegada a uma esperança tão segura que até temos alegria no meio do sofrimento. Nossas respostas são arrebatadoras para os incrédulos, mas bastante justificadas e razoáveis à luz da obra miraculosa de Cristo.

E, no entanto, por mais razoável que seja ninguém pode aceitar essas razões, a menos que creia. A fé vem primeiro. Quando damos uma razão para a esperança que está em nós, tanto a esperança quanto a razão para isso estão em Cristo, e ambas são questões de fé.

Isso significa que a apologética se limita a pregar o Evangelho? Afinal, a pregação produz a fé, como Pedro também nos recorda em 1.22-25. Esta é uma pergunta importante, pois, se a apologética está limitada à pregação, não temos justificativa para torná-la um curso separado no STRC. Como a apologética se diferencia da pregação? Bem, Pedro imagina que ela é usada em todos os tipos de situações por todos os cristãos, não apenas por pregadores no púlpito. Ela também é interativa e cheia de razões. Espera-se que cada um de nós seja um apologista, pois ele nos exorta a estarmos sempre preparados. Todos nós devemos saber o porquê de termos uma esperança em Cristo. Nosso modo de vida não deve ser apenas um costume sem sentido, um mero hábito, uma rotina. Devemos entender o Evangelho. A razão de nossa esperança deve ser convincente o suficiente para tornar nossos oponentes envergonhados por causa de suas calúnias, como Pedro escreve no versículo 16.

A pergunta para nós é: conhecemos o evangelho? somos capazes de defender a nossa fé? Estamos equipando-nos para isto? Esta esperança que vocês têm, meus irmãos e irmãs, pode ser investigada e estudada, conhecida melhor e muito desfrutada e, portanto, também explicada e exposta para outras pessoas. Você já fez isso? Sua vida é radical o suficiente para dar origem às perguntas? Haveria provas suficientes num tribunal para declarar você como um cristão? Essas são perguntas sérias que todos nós precisamos ponderar.

Também devemos nos perguntar o quanto realmente nos deleitamos no evangelho. Ele é realmente sua esperança? A sua vida real é o seu filé mignon com uma taça de vinho Cabernet Sauvignon? Você vive para esse cruzeiro anual de férias ou Jesus Cristo é sua esperança? Todos podem

## Revista Diakonia - “*Servindo a quem foi chamado a servir*”

conversar por horas sobre quais são suas paixões. Então a pergunta para nós é se Cristo, como Senhor, é realmente pelo que estamos apaixonados. Ele é realmente sua esperança? Você vive como se sua real fonte de vida fosse de uma esfera diferente, de Cristo, e nesse sentido você é um estranho aqui? Você se deleita nele como nada mais? Se você puder dizer sim, tenho certeza de que também pode expor essa esperança. Você pode fazer apologética. O Espírito Santo lhe auxiliará, como Jesus prometeu, especialmente em tempos de tensão e perseguição (Mt 10.19-20). Qualquer que confessar Jesus diante dos homens será confessado por Jesus diante de nosso Pai no céu, mas quem o negar será negado (Mt 10.32-33). Com toda a seriedade da santa vocação com que Deus me impôs, eu pergunto a mim e a todos vocês: "Jesus Cristo é sua única esperança neste mundo?" "Há evidência de que você nasceu de novo para uma viva esperança?" Eu oro para que você progrida nesta questão, como eu também devo. E eu lhe ordeno, assim como Pedro, esteja "*sempre preparado para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.*"

Se Deus foi gracioso conosco, agora entendemos não apenas o sentido do texto, mas também seu significado para nós.<sup>3</sup> Mas ainda, há algumas reflexões adicionais a respeito da apologética.

### Notas:

<sup>1</sup> Alison Wood Brooks, Hengchen Dai e Maurice E. Schweitzer, "Desculpe pela chuva!: Desculpas supérfluas demonstram preocupação empática e aumentam a confiança", em *Social Psychological and Personality Science* 5:4 (maio de 2014), 467-74 (publicado online pela primeira vez em 26 de setembro de 2013).

<sup>2</sup> Parece haver um pano de fundo do Antigo Testamento para 1 Pedro 3.14-15 em Isaías 8.12-13. Pedro aqui aplica igualmente a Cristo o que, em Isaías, referia-se em Isaías a Yahweh. Isaías 8.14 foi usado por Pedro também em 1 Pedro 2.8.

<sup>3</sup> Para a distinção entre sentido (possível para todas as pessoas) e significado (possível somente para o regenerado) no que diz respeito às Escrituras, ver William W. Klein, Craig L. Blomberg, Robert L. Hubbard Jr., *Introdução à Interpretação Bíblica*, rev. ed. (Nashville: Thomas Nelson, 2004), 136-7, 153, 172, 176.

Theodore G. van Raalte serviu como ministro da Palavra há 11 anos. E hoje é professor de Eclesiologia no seminário das Igrejas Reformadas Canadenses.

Tradução: Gabriel Reis.

Revisão: Ester Santos

O website [revistadiakonia.org](http://revistadiakonia.org) é uma iniciativa do [Instituto João Calvino](http://www.institutojoaocalvino.org).

**Licença Creative Commons:** Atribuição-SemDerivações-SemDerivados (CC BY-NC-ND). Você pode baixar e compartilhar este artigo desde que atribua o crédito à Revista Diakonia e ao seu autor, mas não pode alterar de nenhuma forma o conteúdo nem utilizá-lo para fins comerciais.